

*Élem Wylfa Brito de Assis*

# DANÇANDO NA VILA:

*arte/educação e dança criativa  
no Museu da Vila*

*catálogo*



*Élem Wylfa Brito de Assis*

# DANÇANDO NA VILA:

*arte/educação e dança criativa  
no Museu da Vila*

*catálogo*



Esta publicação integra o trabalho final do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba. “DANÇANDO NA VILA: arte/educação e dança criativa no Museu da Vila” é trabalho integrado ao Plano Museológico do Museu da Vila (MUV) primeiro Pólo do Ecomuseu Delta do Parnaíba (ECOMUSEU), Linha de Pesquisa Artes, Patrimônio e Museologia ,

Apresentamos as etapas da ação que realizamos no MUV de 2019 a 2021, no contexto do Programa Educativo Cultural do MUV, que também é Órgão Suplementar da Universidade Federal do Delta do Parnaíba. O espetáculo foi uma produção colaborativa com crianças e adolescentes, com idades entre 7 e 15 anos com e vivências e/ou residência no lugar .

Apresentamos registros, memórias do processo de criação, gestão, produção, montagem e apresentação do espetáculo cênico de dança “Ciranda da Mãe Natureza”, cujo conceito se materializa nas interfaces entre dança, arte/educação e interpretação patrimonial, com objetivos de potencializar a reflexão e a consciência sobre si, o outro, o meio ambiente e os patrimônios, e, de criar condições para conhecer, reconhecer, promover e salvaguardar os patrimônios que detém.

# apresentação



p . r . ó . l . o . g . o

# o mergulho

Após algumas (an)danças no território da Vila-bairro Coqueiro da Praia, realizamos uma aproximação respeitosa, de escuta sensível das pessoas da comunidade. Em 2019, logo no início das atividades da minha turma (T5 do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia), fomos desafiados a apresentar em linguagens diversas o território, as pessoas e os patrimônios cultural e natural da vila de pescadores de Coqueiro da Praia, o que nos permitiu a primeira imersão no território.

Nosso objetivo naquela ocasião foi captar por meio de entrevistas memórias, histórias, modos de ser e existir perceber como a comunidade local se relaciona com o território, de forma que a resposta ao desafio fosse a mais próxima possível da realidade. Esse primeiro contato foi valioso para a construção de nossa proposta de arte/educação Residentes mais antigos relataram que o lugar tinha sido ocupado por povos Tremembés, que, posteriormente, a vila teria sido habitada por pescadores, em sua maioria, vindos do Ceará, que e que teriam trazido a dança do coco, manifestação cultural comum em beira da praia, muitas vezes em comemoração à pesca farta. Narraram ainda que, além do coco, dançavam também xote e baião, que, a comunidade, atualmente não vive ,não conhece essas manifestações e que gostariam de reviver esse patrimônio ancestral.

Pouco tempo depois de nos aproximarmos mais dos residentes e compreendermos melhor as memórias, histórias e lógicas sociais, realizamos, no Museu da Vila, Escola e Creche, atividades que dialogaram com o entorno em uma postura reflexiva. Dentre essas atividades, destacamos cirandas ao ar livre e dança criativa, que permitiram ações de consciencialização sobre limpeza da Praia com a participação de crianças e suas famílias.









p . r . i . m . e . i . r . o . a . t . o

# tecendo as tramas

Ao perceber a relevância de atividades artísticas, culturais e a demanda da comunidade, identificando a lacuna de ações similares na Vila, construímos a ideia de produção coletiva e participativa do espetáculo.

Após uma série de atividades artísticas culturais para compor o Programa Educativo Cultural do Museu da Vila (MUV), com objetivos de: desenvolver atividades lúdicas para dialogar com o conceito da exposição Nós do Coqueiro; suscitar a reflexão e crítica dos usuários/visitantes; promover ações voltadas para o acervo da exposição, o território e a comunidade; possibilitar o entendimento de museu de comunidade e ecomuseu; e conhecer os diferentes públicos e usuários e visitantes, construímos com o “Formação de mediadores mirins” atividades artísticas culturais que nos aproximou do público que participou da construção do espetáculo.

Para auxiliar na concepção do espetáculo, motivamos as participantes a refletir sobre a temática que gostariam de representar, quais temas sugeriam. Definimos coletivamente que o tema seria a Vila-bairro Coqueiro. Colaborou também neste momento o colega de mestrado e artista visual Valdeci Freitas, que concebeu o cenário-mural para o espetáculo. Discutiu com as participantes o tema e os elementos que o grupo considerava importante está nos painéis murais do cenário do espetáculo.

Para a construção do roteiro, solicitamos que as participantes entrevistassem seus familiares, a fim de colher informações sobre a história do território, além disso, fizemos consultas a fontes bibliográficas.

Imergimos no universo de possibilidades do corpo e do movimento, investigando os elementos da dança e das artes cênicas, as possibilidades para traduzir esse contexto no espetáculo. Iniciamos a experimentação da dança do coco, usamos cacos de coco e o movimento de batidas dos pés tão característicos dessa dança, construindo, assim, o percurso coreográfico.













PescARTE-ei  
Pelos reces de pretos  
E abra...  
No bairros do bairro  
E que a rede...  
...santa me...  
...bairro...  
...santa me...



s.e.g.u.n.d.o . a . t . o

# amarração

Como parte do processo e forma de exercício de preparação, compreensão da montagem e desinibição dos gestos, realizamos um ensaio aberto da Cena I na programação da “Semana Nacional de Museus” no Museu da Vila em maio de 2021. A Cena foi apresentada de forma híbrida, presencial no MUV, apenas com a presença do grupo e dos responsáveis pela filmagem, fotografia, e transmissão na plataforma digital de streaming. Foi apresentada a dança do coco - em diálogo com o território.

A dança do coco típica de regiões praieiras, é parte da cultura popular brasileira, principalmente do Nordeste. Tem suas origens nos engenhos de cana-de-açúcar e cantos de trabalho das “tiradoras” e “tiradores” de coco, cujo ritmo marcado é considerado fruto da cultura africana. Já o bailado, a forma de dançar, é considerada fruto das influências indígenas, posteriormente ressignificada por pescadores e pescadoras de diversas regiões do Brasil, principalmente no litoral.

No contexto da Vila-bairro Coqueiro da Praia, essa manifestação dialoga com o território na medida em que se acredita que a região foi ocupada por povos originários pertencentes a etnia Tremembé. A localidade também sofreu fortes influências da cultura africana, pelos povos escravizados nas fazendas de criação de gado que existiam nas imediações. Posteriormente, com a chegada dos pescadores vindos da região do Ceará para o litoral do Piauí, a dança do coco começou a ser também vivenciada, como foi relatado por alguns residentes mais antigos.

















t.e.r.c.e.i.r.o . a . t . o

# construindo redes

Após a montagem coreográfica da Cena I, realizamos rodas de conversa sobre a vida no Bairro, desafios, perspectivas, como as participantes olhavam e se incomodavam, quais desejos e esperanças. Nosso objetivo era provocar a reflexão sobre o meio ambiente, suscitar uma atitude consciente com relação ao convívio sustentável com o território e provocar atitudes de empoderamento diante dos desafios a serem superados no entorno e no convívio social.

Nessa perspectiva, continuamos o processo de construção do espetáculo e partimos para a construção coletiva das outras etapas como: o roteiro, a trilha sonora, a narrativa e a construção coreográfica das cenas. Dentre as questões que consideramos importantes e urgentes abordar na construção do roteiro, se destacaram: o contexto da pandemia, o problema do lixo no território, a extinção dos animais marinhos e manguezais, o preconceito de forma ampla.

A partir dessas sugestões, nos reunimos novamente com o artista e colega de Mestrado Valdeci Freitas, que nos apresentou o esboço do painel mural que seria construído com base nos elementos apresentados pelas participantes. Assim, após esse encontro, o artista iniciou o painel mural Valdeci, que contou com a participação de jovens do Bairro.

O passo seguinte foi a construção da narrativa do espetáculo. A partir dos desejos e ideias do grupo, iniciamos um processo de desdobramento do tema central: a Vila-bairro Coqueiro da Praia com todas as suas belezas e desafios. Usamos uma trilha sonora, atravessada por sons de músicas, sons emitidos e construídos pelo corpo, ou mesmo ruídos, em conjunto com movimentos e gestos que poderiam nos ajudar a contar as memórias e histórias do lugar.

Em busca de um diálogo mais orgânico com as cenas em construção pelo grupo e o cenário do artista Valdeci Freitas, foi realizada uma visita mediada ao painel mural para que pudéssemos visualizar, agora em tamanho real, o cenário do espetáculo e conversar com o próprio artista sobre a obra em construção. Essa ação foi essencial para que as participantes ampliassem a compreensão sobre a dimensão que o espetáculo poderia vir a ter, buscando o diálogo entre o que o painel ilustrava e o que o espetáculo desejava comunicar.













q.u.a.r.t.o . a . t . o

# içar velas!

Após essas experimentações, as cenas foram se estruturando e a dramaturgia foi se desenvolvendo em torno dos sentidos vitais que as pessoas estabelecem com a natureza e o território da Vila-bairro Coqueiro da Praia. Nessa fase, buscamos fazer um primeiro levantamento das necessidades técnicas, como iluminação, sonorização e equipamentos para transmissão. Assim, fomos em busca de possíveis recursos e/ou parcerias para auxiliar no custeio dessas demandas do espetáculo.

Procuramos também durante essa etapa definir a concepção estética dos figurinos para compor as cenas, para isso, contamos com a contribuição da designer de moda e colega de curso Iana Medeiros, que, após ouvir as sugestões do grupo e levando em consideração elementos como a estética do espetáculo, os custos e o tempo, desenhou e costurou os modelos.

Para colaborar no processo de construção dramática e poética do espetáculo, a arte-educadora, contadora de histórias, descendente indígena da etnia Guajajara e artista visual Aliã Wamiri Guajajara foi convidada para participar da construção junto ao grupo. Como parte do processo, foi discutido durante rodas de conversas como as cenas estavam se estruturando e os anseios de comunicação do grupo através do tema central e dos subtemas, em uma troca contínua de proposições, escutas e acordos. Como resultado, foi desenvolvida uma narrativa cuja cosmovisão abraçou os patrimônios natural e cultural da Vila-bairro Coqueiro da Praia, acessando memórias ancestrais do território, sensibilizando para o cuidado com o meio ambiente e tecendo poéticas de existência em harmonia com a natureza que foi intitulado de Ciranda da Mãe Natureza.

Nessa fase, buscamos também a efetivação de algumas parcerias, que já haviam sido solicitadas anteriormente, para o suporte em necessidades como iluminação, sonorização, equipamentos para transmissão, fotografia, palco, cadeiras, logística de transporte, hospedagem, alimentação, material de divulgação, social media. Desse modo, se formou uma imensa rede de colaboradores e de afetos compartilhados entre pessoas físicas e jurídicas, entre comunidade, instituições e empresas, que se uniram em razão do espetáculo colaborativo.









BOQUEIRO





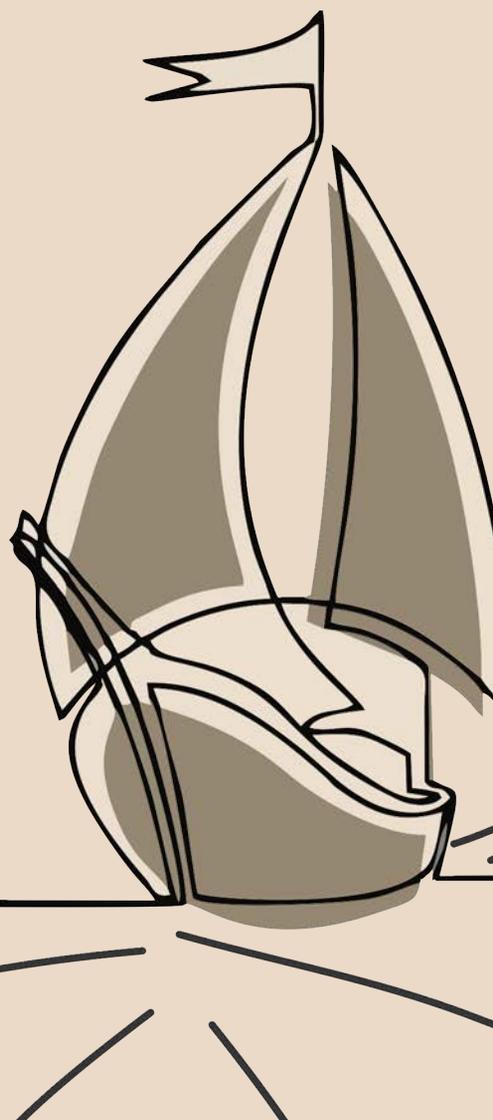
a.p.o.t.e.o.s.s.e

# de vento em popa...

No dia 2 de outubro de 2021, iniciamos o ensaio geral do espetáculo. Esse momento foi imprescindível para o alinhamento técnico e artístico. Foi imprescindível a efetivação das parcerias: Universidade Federal do delta do Parnaíba (UFDPAr), Serviço Social do Comércio (SESC/PI), Prefeitura de Luís Correia, Associação de Moradores do Bairro Coqueiro (AMBC), equipe do Museu da Vila (MUV), Pousada das Flores, amigos, professores e colegas do Mestrado, e de forma direta as participantes e de suas famílias, que reservaram parte do seu tempo para se dedicarem a esse momento especial.

Chegamos, então, ao dia 16 de outubro, o dia da estreia, quando iniciamos toda a produção executiva do espetáculo conforme alinhado no ensaio geral. Novamente, todas parcerias se efetivaram e algumas outras se juntaram a essa grande rede colaborativa. Assim, o espetáculo Ciranda da Mãe Natureza teve início às 18h na rua José Quirino da Vila-bairro Coqueiro da Praia, em Luís Correia, Piauí. Em meio a um enredo poético, envolto por elementos dos patrimônios natural e cultural da Vila-bairro, o espetáculo transitou pelo passado, presente e futuro, revelando significados profundos por meio das conexões vitais que se estabeleceram entre as pessoas, a natureza e o território. O espetáculo também fez parte da programação da "Primavera de Museus" do Museu da Vila, abrindo assim a exposição Memórias.

Em sua narrativa, uma jovem indígena reconstrói a história do território, baseada nas memórias ancestrais transmitidas por meio da tradição oral, que foram deixadas por sua avó, que virou "encantada". A personagem busca dar continuidade a esta tradição, alertando para o cuidado com meio ambiente, para a importância de práticas de subsistência em harmonia com a



natureza e para o respeito à sabedoria dos povos ancestrais. A dramaturgia ganha ainda mais força quando traduzida nos corpos dançantes das crianças e adolescentes pertencentes ao território. Aliado a isso, no ápice do espetáculo, as suas vozes se uniram para proferir em tom de protesto: “Salve a mãe natureza!”.

O espetáculo buscou, assim, ressaltar a potência da coletividade, a importância de atitudes sustentáveis e o respeito à diversidade cultural, trazendo para cena variedades de expressões, cores, sons e movimentos.















































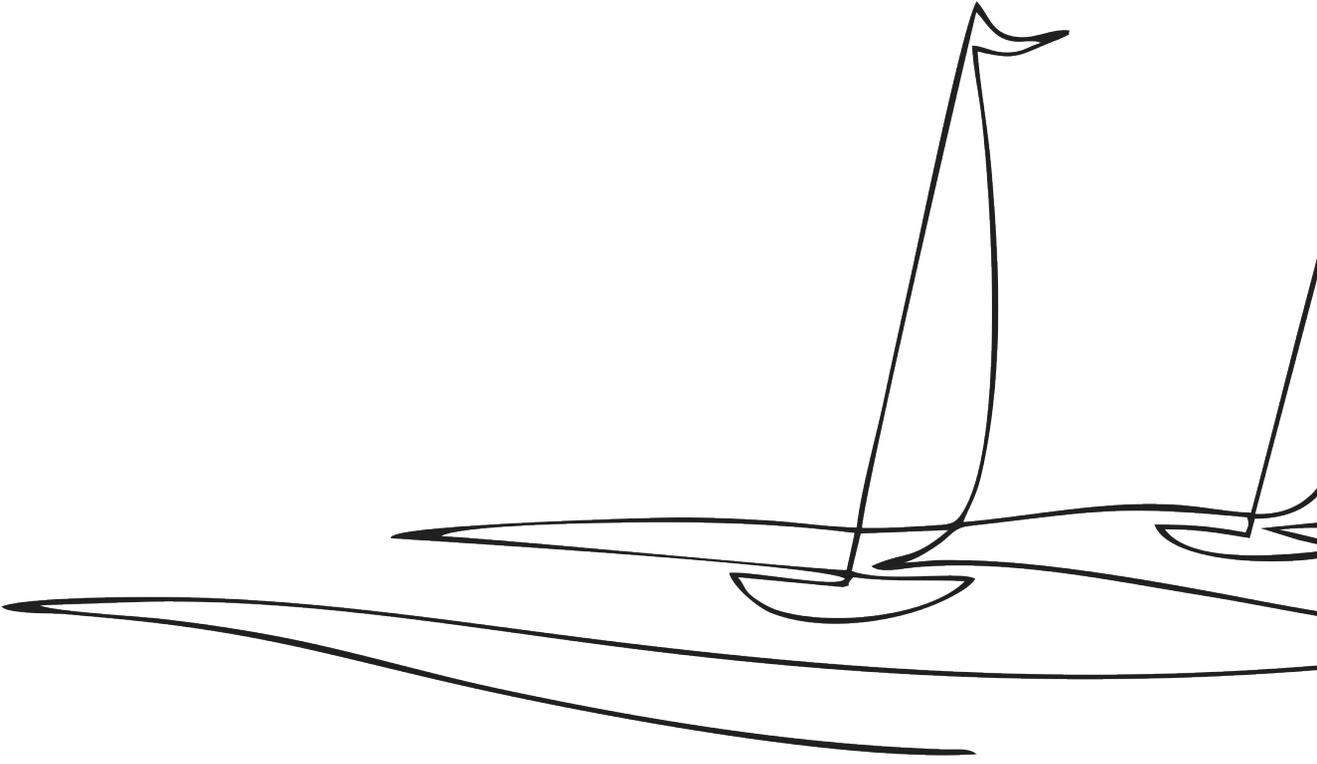




Projeto:  
Dançando  
na vila

Projeto:  
Dançando  
vila

vila



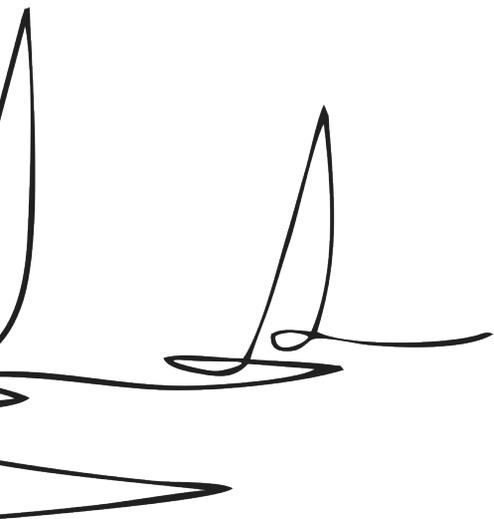
e.p.í.l.o.g.o.

# “navegar é preciso!”

Dessa forma, mediamos e construímos de forma colaborativa, com a participação de oito crianças e adolescentes pertencentes ao território e suas famílias, um espetáculo de dança no contexto do Programa Educativo Cultural do Plano Museológico do Museu da Vila, o que nos permitiu sensibilizar a comunidade com momentos de alegria e prazer, ampliando a percepção, a reflexão e a consciência sobre si, sobre o meio ambiente e cultura locais.

Atentos a continuidades de ações dessa natureza e cientes de que esse trabalho não se encerra por aqui (já que se inscreve como uma proposta dentre tantas possíveis de se trabalhar processos participativos em artes, patrimônio e Museologia), cabe ressaltar as possibilidades de desdobramentos a partir de outros resultados alcançados no desenvolvimento deste projeto. Trata-se do diálogo e parceria estabelecidos com a professora e profissional da dança Priscila Cordeiro, que, por possuir uma relação significativa com o território, colaborou com o desenvolvimento dos trabalhos em dança no âmbito desta proposta. E que, a partir desse trabalho, iniciou outros projetos de dança junto ao MUV e à comunidade da Vila-bairro Coqueiro da Praia, o que já vem alcançando outros públicos e faixas etárias, e confere uma continuidade a este processo.

Acreditamos assim, que este trabalho, com seu enfoque integrador, se configura como uma possibilidade para o desenvolvimento e fortalecimento de ações de participação coletiva em dança e Museologia de inovação social, promovendo atividades de sensibilização e cidadania cultural que contribuem para reforçar o sentido de pertencimento, criando condições para identificar e promover os patrimônios locais, e colaborando para que os processos de emancipação social possam se desenvolver nesse e em outros territórios.



































## c.i.t.a.ç.õ.e.s

Durante todo o processo, buscamos trabalhar com o entendimento de que:

‘Colaborar’ é inventar, a cada momento, formas de ‘fazer com’ o outro. No ‘fazer com’ não há distâncias ou isenção, mas sobretudo a mobilização de dimensões afetivas e hápticas em um encontro que pressupõe reconhecimento e valorização mútua. A colaboração é fundamentalmente marcada pela reciprocidade ou mutualismo. Constituem, portanto, práticas dialógicas e não-hierárquicas, que não podem ser dissociadas de uma atitude crítica e política de reconhecimento das relações de produção, e da reinvenção destas em condições concretas de construção e circulação horizontais de conhecimentos. (AQUINO, 2015, p. 5).

AQUINO, R. F. “Práticas colaborativas e redes de aprendizagem em projetos artístico-educativos: um estudo de caso em Salvador”. In: IX COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 9., 2015, Sergipe. Anais [...], v. 1. 2015, p. 1-18. Disponível em: [http://ritaaquino.com/portfolio/artigos-publicados-em-anais-de-eventos/certificado\\_educon\\_2015-4/](http://ritaaquino.com/portfolio/artigos-publicados-em-anais-de-eventos/certificado_educon_2015-4/) acesso em 10 de agosto da 2021

---

Histórias e memórias são elaboradas nas rodas e oficinas, atravessadas por criações cênicas e musicais, que traduzem um universo de beleza sonora e visual que atravessam os mungues e a paisagem envolvente; produtos culturais resultados de desafios e descobertas, de espaços coletivos de criação, onde há lugar para todos os graus de parentescos e amizades, para todas as capacidades cognitivas, de diversos públicos, de diferentes faixas etárias, com desejos e aptidões inimagináveis. (PINHEIRO, 2015, p. 64)

A degradação do planeta é um fato, mas é difícil conhecer o planeta, portanto, começamos pela nossa casa, rua, bairro, escola; por perceber os problemas que estão “amarrados” uns nos outros, ameaça ecológica em nosso quintal, problemas e destinos comuns solidários e responsáveis indivíduo-sociedade, que podemos tentar resolver, a começar em casa, no lar. A saída, portanto, é a responsabilidade comum; consciência, cidadania e responsabilidade recíprocas. É preciso pensar na formação, no diálogo sociedade, universidade e comunidades as mais diversas. (PINHEIRO, 2015, p. 58)

Muitas vezes não nos apercebemos que o nosso corpo, todo ele, pode se mover, emitir sons, percutir; pés, pernas, mãos, braços e cabeça nos permitem ritmos; o nosso corpo é uma caixa de sons e ritmos; a nossa vida é repleta de lembranças, que podem ser narradas, sonorizadas; logo, as rodas e oficinas pretendem ser acessíveis a qualquer pessoa, que motivada pode usar a alma e o corpo inteiro.(PINHEIRO, 2015, p. 64)

Atualmente, é inegável a função social que exercem os museus, sobretudo, se os entendermos como espaços de sociabilidade, fórum de debates, de trocas de saberes, experiências, práticas, afirmação de identidades; espaços praticados por produtores de cultura, conhecimentos; lugares educativos, que se constituem e que fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social; os museus, nos diversos territórios, forjam os vínculos das pessoas umas com as outras, são lugares de interlocução comunitária, formados por pessoas que pensam a cultura como elemento econômico e sustentável. Os museus, enquanto equipamentos culturais, devem estar a serviço do conhecimento, da melhoria da qualidade de vida das pessoas. Em particular, daquelas que vivem, que habitam os territórios onde estão situados. (PINHEIRO, 2015, p. 58)

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio Cultural e Museus: por uma educação dos sentidos. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 58, p. 55-67, out./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n58/1984-0411-er-58-00055.pdf/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

---

O patrimônio cultural deve ser a alma de uma localidade, expressa através de saberes, lugares, celebrações, e formas de expressões; visíveis no artesanato e nas maneiras e modos de fazer do cotidiano, como a culinária, as danças, as músicas, os rituais, as festas religiosas, as festas populares, dentre outros. (PINHEIRO, 2010, p. 41).

PINHEIRO, Áurea da Paz. Memória, ensino de história e patrimônio cultural. In: \_\_\_\_\_; PELEGRINI, Sandra C. A. *Tempo, memória e patrimônio cultural*. Teresina: EDUFPI, 2010, p. 29-52.

---

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões 'quem nós somos' ou 'de onde nós viemos', mas muito mais com as questões 'quem nós podemos nos tornar', 'como nós temos sido representados', e 'como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios'. (HALL, 2008, p. 108-109).

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 103-133.

---

A gestão do patrimônio deve ser feita o mais próximo possível dos criadores e dos detentores desse patrimônio, de modo a não separá-lo da vida. O papel das instituições especializadas é sensibilizar, facilitar, educar, pôr em contato, mediatizar, gerir pela margem em função do interesse geral. (VARINE, 2013, p. 52).

VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

---

A educação patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural que ajuda ao indivíduo a decifrar o mundo que o rodeia, conduzindo-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória diacrônica nos quais está inserido. Essa ação leva ao reforço da confiança, da autoestima dos indivíduos e das comunidades e à valorização da cultura Brasileira, compreendida como múltipla e plural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

---

Não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte. Sem conhecer as artes de uma sociedade, só podemos ter conhecimento parcial de sua cultura. Aqueles que estão engajados na tarefa vital de fundar a identificação cultural não podem alcançar um resultado significativo sem o conhecimento das artes. Através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc., não podem

dizer porque elas usam outros tipos de linguagem, a discursiva e a científica, que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais. (BARBOSA, 1998, p. 16).

A contextualização é em si mesma forma de conhecimento relativizada. Pesquisas sobre a cognição situada mostram que o conhecimento e o entendimento são mais facilmente efetivados se emoldurados pelo sujeito. É esta moldura que designamos contextualização, a qual pode ser subjetivamente e/ou socialmente construída. (BARBOSA, 1998, p. 38).

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

---

Os 'temas geradores' podem ser localizados em círculos concêntricos, que partem do mais geral ao mais particular. Temas de caráter universal, contidos na unidade época mais ampla, que abarca toda uma gama de unidades e subunidades, continentais, regionais, nacionais etc., diversificadas entre si. Como tema fundamental desta unidade mais ampla, que poderemos chamar 'nossa época', se encontra, a nosso ver, o da libertação, que indica o seu contrário, o tema da dominação. (FREIRE, 2011, p. 131).

FREIRE, Pedagogo do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

---

O pensar por movimentos poderia ser considerado como um conjunto de impressões de acontecimentos na mente de uma pessoa, conjunto para o qual falta uma nomenclatura adequada. Este tipo de pensamento não se presta à orientação no mundo exterior, como o faz o pensamento através das palavras, mas, antes, aperfeiçoa a orientação do homem em seu mundo interior, onde continuamente os impulsos surgem e buscam uma válvula de escape no fazer, no representar, e no dançar. (LABAN, 1978, p. 42).

LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. Org. Lisa Ullmann. Trad. Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. 5.ed. São Paulo: Summus, 1978.

# c.i.t.a.ç.õ.e.s

## d.a.s. p.a.r.t.i.c.i.p.a.n.t.e.s

“Dança para mim é se soltar, sentir o seu corpo e a verdade saindo”.

(Maria Sophya Galeno de Araújo)

“Gostei de todas as danças, mas a dança do coco pra mim foi a melhor”.

(Raynara Maria Costa Santos)

“Comecei a achar o meu bairro mais bonito”.

(Rayane Araújo Mendes)

“Gostei de tudo, aprender essas danças e músicas que traz uma mensagem muito importante para nossa comunidade”.

(Mayra Cristiny Alves de Araújo)

“Eu gostaria de falar dos momentos de felicidade e colaboração de todas as meninas. Está sendo legal, cheio das nossas opiniões e cada dia aprendemos coisas diferentes”.

(Cibelle Galeno de Oliveira)

“Tem sido uma experiência muito legal, divertida. Aprendi muita coisa sobre cultura e muito mais sobre o meu bairro”.

(Emmanuel Galeno de Araújo)

“Foi uma experiência muito legal que eu tive. Gostei quando a gente estava criando os passos em união e todas dando a sua opinião”.

(Maria Clarissa Costa do nascimento)

“Está sendo bastante divertido, pois todas nós colocamos um pedacinho de opinião em cada construção do espetáculo. Em tudo tem um pouco da nossa opinião. [...] Aprendi vários elementos da dança”.

(Ana Gabriely Pereira Galeno)









## Participantes

- a. Raynara Santos
- b. Cibele Galeno
- c. Maria Clarissa do Nascimento
- d. Elem Wylfa
- e. Ana Gabriely Galeno
- f. Emmanuely Galeno
- g. Alia Wamiri
- h. Rayane Araújo
- i. Maria Sophia Galeno
- j. Mayra Cristiny Alves
- l. Priscila Cordeiro
- m. Professora Maria Patrícia
- n. Professora Áurea Pinheiro







mapm  
MESTRADO  
ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA



museu  
da vila